

Os práticos do Diálogo – a construção de saberes em Fonoaudiologia

Ana Tereza Brant de Carvalho Dauden*

Pastorello, L. M.; Rocha, A.C.O. Fonoaudiologia e linguagem oral – *Os práticos do Diálogo*. São Paulo: Editora Revinter; 2006. 154p.

As questões de linguagem suscitam, no clínico, questionamentos e angústias que o encaminham para o diálogo com outras áreas de conhecimento. Diálogo que, quando tomado como possibilidade de construção de novos saberes e de reflexão, legitima a atuação do fonoaudiólogo com a linguagem e suas alterações.

A interlocução da Fonoaudiologia com a Medicina e a Linguística, e mais recentemente com a Psicanálise, tem produzido formas de trabalho muitas vezes distintas, mas igualmente comprometidas com a produção de saberes fonoaudiológicos. Problematicar questões advindas da prática é um exercício necessário para o fortalecimento da área e para a delimitação de seu campo de atuação.

Neste livro, organizado pelas fonoaudiólogas Lucila Maria Pastorello e Ana Clélia de Oliveira Rocha, encontramos um conjunto de textos escritos por profissionais envolvidos com a teorização da prática. São *práticos do diálogo* que problematizam de forma cuidadosa e compartilham, de maneira generosa, suas experiências clínicas e buscam, na interlocução com diferentes campos de conhecimento, um norte para as questões fonoaudiológicas.

O livro começa com o instigante texto intitulado *A questão do outro na clínica das dificuldades de linguagem oral*, de Marta Baptista, que discute o cuidado que o profissional deve ter com a escuta daqueles que discursam pela criança que não fala. Para tratar do tema, relata a experiência do atendimento clínico de uma criança realizado sob supervisão psicanalítica e argumenta a

favor do trabalho interdisciplinar como fundamental na tentativa de traduzir os sintomas familiares. Fica evidente, no texto, a importância do diálogo com a psicanálise para pensar sobre o sintoma na clínica fonoaudiológica e compreender o processo subjetivo na construção da linguagem da criança. De acordo com a autora, a

escuta para a fala dos pais deve considerar que ao contarem sobre a história da criança, os pais precognizam a doença, e muitas vezes a criança é falada por este ângulo. (p. 7)

No capítulo *A transferência na clínica dos problemas de linguagem – um pequeno mapa nesse vasto território*, Maria Inês Tassinari nos traz o relato do atendimento de Bruno e busca discutir a importância do vínculo estabelecido na relação terapeuta-paciente na clínica fonoaudiológica. Para isto utiliza-se, com propriedade, de conceitos da psicanálise e ressignifica-os para a clínica dos problemas de linguagem. A autora destaca que o clínico deve estar atento para as possíveis leituras dos sintomas e afirma que

uma vez feita a operação de tradução do sofrimento em patologia, a função terapêutica é convocada a produzir diferença na situação que engendra o “fato patológico” compreendido como um valor configurado subjetivamente. Nesse sentido, a via da sua empreitada é inversa à do patologista, uma vez que o terapeuta se coloca em direção ao desocultamento dessa fachada patológica, garimpando cada sinal de sujeito que nela se camufla. (p. 16)

* Mestre em Linguística pelo IEL – Unicamp; professora do curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário São Camilo.

Refletir sobre *como se ensina (e se aprende) a falar* é a proposta do texto de Ana Clélia de Oliveira Rocha. No capítulo *Do silêncio à palavra – o enigma do silenciamento*, a autora discorre, a partir de fragmentos de histórias clínicas de crianças que não falam e que não apresentam qualquer comprometimento orgânico específico, como os sintomas são constituídos dentro da família. Assumindo uma perspectiva Interacionista em Aquisição da Linguagem, Ana Clélia argumenta, com veemência, a favor da importância de o fonoaudiólogo assumir um discurso próprio e não assimilar reflexões prontas de outras áreas.

Aqui reside o perigo de nossa ansiedade como fonoaudiólogos, que, por não termos respostas concretas, as buscamos em outras áreas. Em momentos diferentes da história da nossa profissão, repetimos o discurso dos médicos, dos professores, dos lingüistas e, por fim, dos psicanalistas. (p. 25)

No quarto capítulo, Eloísa Tavares Lacerda trata da *Repetição no brincar infantil*, destacando que as brincadeiras infantis podem revelar aspectos do desenvolvimento cognitivo e, para os profissionais mais atentos, pode indicar particularidades do processo constitutivo da subjetividade da criança. Relatando o caso de Maria, a autora apresenta, de maneira franca, seu posicionamento diante da insistente repetição na brincadeira da criança e de como pôde tomá-la “como algo a ser interpretado para além da compreensão de suas possibilidades cognitivas e de suas possibilidades motoras de brincar, ou seja, pedia a passagem necessária ao funcionamento simbólico” (p. 27). Assim, a autora compartilha sua experiência terapêutica discutindo a importância de um suporte teórico contextualizado à prática fonoaudiológica.

Lucila Pastorello, no capítulo *Afásias na Infância*, problematiza o nebuloso diagnóstico destes quadros de linguagem e aponta para a importância de o fonoaudiólogo realizar uma revisão crítica da literatura e somá-la à *riqueza e complexidade da prática* para se poder produzir “questões semiológicas e até mesmo etiológicas e diagnósticas na clínica da linguagem” (p. 37). No texto, a autora apresenta o caso de G. e discute, de maneira consistente, como o diagnóstico de afasia infantil é contaminado pela identidade dos quadros adultos.

As crianças afásicas existem, merecem cuidado especializado por parte dos fonoaudiólogos e pode-

mos aprender muito sobre desenvolvimento de linguagem, sobre recuperação e suplência, sobre constituição subjetiva. É preciso que deixemos de lado algumas verdades provisórias, encarar nossa ignorância para tentar enxergar o novo e edificar novos saberes. (p. 46)

O capítulo *A enunciação discursiva na clínica fonoaudiológica com afásicos*, de Heloísa de Oliveira Macedo, apresenta uma importante discussão sobre a relevância de se escutar o sujeito afásico, analisar sua fala de maneira contextualizada, inserida no discurso produzido em interlocução. A autora nos apresenta uma prática

em que o discurso, o conjunto de enunciados produzidos por um sujeito em determinado contexto, é o ponto central do trabalho fonoaudiológico com as afásias. (p. 49)

Oferece-nos, ao discorrer sobre o caso de MG, um posicionamento diante dos quadros afásicos em que o que está em jogo não é “um cérebro qualquer lesado, mas um cérebro lesado que pertence a um sujeito pragmático, historicamente constituído, um sujeito de linguagem” (p. 50).

Na seqüência, o texto de Ana Paula Santana – *Refletindo sobre a linguagem na surdez* – problematiza o trabalho com a linguagem do surdo, apontando para o reducionismo de uma prática descontextualizada e sem sentido que, tradicionalmente, sustenta a prática fonoaudiológica nesses quadros. Advoga, utilizando-se da análise de casos atendidos, a favor de uma prática que garanta a “imersão” da criança na linguagem, garantindo-lhe assumir seu papel de sujeito.

A surdez apresenta-se com uma heterogeneidade de situações lingüísticas. Compreender essa heterogeneidade é importante para que se possa analisar o estatuto da língua oral para esses sujeitos, assim como compreender a relação da fala com os outros mecanismos de significação. (p. 70)

O capítulo de Rosângela Viana Andrade sobre *O desenvolvimento da linguagem na criança com Síndrome de Down e a prática fonoaudiológica* traz uma visão abrangente sobre os diversos aspectos da atuação fonoaudiológica em tais quadros: do processo diagnóstico à terapia, além das orientações à família. A autora discute a participação do profissional fonoaudiólogo no processo diagnóstico, elenca alguns itens a serem considerados no

processo terapêutico e destaca a importância do trabalho com a família. Salienta que

os aspectos sociais envolvidos no desenvolvimento da criança com síndrome de Down jamais perderão a sua importância se também considerarmos os aspectos biológicos envolvidos. Ambos interferem no seu desenvolvimento global, e se desprezarmos qualquer um deles, estaremos desprezando parte do conhecimento necessário para atuarmos de modo eficiente com esta criança. (p. 92)

Em *O processo terapêutico fonoaudiológico nos distúrbios da cognição*, Ana Carina Tamanaha trata do retardo mental e das alterações de linguagem presentes nesses quadros. Posiciona-se a favor da atuação fonoaudiológica tanto no processo diagnóstico quanto terapêutico e propõe uma atuação que busque um melhor desenvolvimento das habilidades do indivíduo e não a cura. Relata trechos de atendimentos realizados com pacientes com diagnóstico de retardo mental, destacando o jogo, a brincadeira como importantes instrumentos terapêuticos.

É através da brincadeira que podemos construir a linguagem da criança, inicialmente observando sua exploração lúdica espontânea e, posteriormente, incentivando-as às outras formas de brincar e compartilhar atenção e situações. (p. 98)

Helena Panhan, no capítulo *Comunicação suplementar e alternativa – interlocução com a clínica fonoaudiológica*, redimensiona o uso da comunicação suplementar alternativa no trabalho com a linguagem, tomando-a como significantes gráficos que só adquirem sentido quando articulados ao funcionamento da língua, quando interpretados no funcionamento discursivo.

A Comunicação Suplementar e Alternativa sobrevém como parte da técnica clínica fonoaudiológica que pretende “materializar a fala” além da produção articulatória oral sonora, na interlocução de um sujeito psíquico singular interpretante/interpretado “aprisionado” pela interdição da produção articulatória oral. (p. 105)

Daniella Forchetti, no capítulo intitulado *A prática fonoaudiológica na surdocegueira e na múltipla deficiência sensorial*, realiza uma cuidadosa revisão acerca da conceituação e das práticas fonoaudiológicas relacionadas a tais quadros.

A autora apresenta sua experiência no Projeto Arteiros, uma ousada iniciativa que alia fonoaudiologia à arte e que busca promover o desenvolvimento da consciência corporal, da criatividade, da comunicação e da socialização de pacientes com diversas patologias.

A arte e a fonoaudiologia estabeleceram fronteiras em que a comunicação faz parte dessa linha divisória. Aprendemos com a experiência dos outros, mas devemos ter claro quais os princípios básicos que norteiam nosso trabalho. Que possamos aprender com nossas diferenças e com nossas semelhanças. (p. 127)

Lucila Pastorello encerra o livro com o texto *Movimentos e papéis discursivos na terapia fonoaudiológica em psicopatologia*, retomando, de maneira pertinente, uma discussão que perpassa todos os capítulos anteriores: o movimento do fonoaudiólogo que se lança na *interdisciplinaridade* e busca nessa interlocução explorar os conceitos e redimensioná-los para a co-produção do texto acerca das patologias da fala e linguagem (p. 130). Para isto, se propõe a estudar o diálogo e discute a especificidade que ele adquire na clínica fonoaudiológica.

Falar em clínica das patologias da linguagem vai muito além de considerar a análise linguística do diálogo. Estudar e conhecer como se dá a movimentação discursiva e como o fonoaudiólogo e o paciente assumem papéis na interação pode ser útil como instrumento de construção de uma técnica, que aliada a uma teoria sobre clínica e sobre processos terapêuticos pode constituir o método em fonoaudiologia. (p. 141)

As apropriadas colocações da autora apontam para a importância de o clínico articular suas reflexões na interlocução com outras áreas para assim construir conhecimento em Fonoaudiologia.

Finalizo destacando o mérito dessa publicação que, sem dúvida, contribui para a construção dos alicerces de uma prática clínica genuinamente fonoaudiológica, uma prática que dialoga com outros campos de conhecimento, mas que vem demonstrando, em trabalhos como esse, o quanto amadureceu e se constitui como área legítima de atuação junto àqueles que sofrem pela linguagem.

